

Drummond em três tempos: o suicídio de Getúlio, o golpe e as bombas da ditadura Em crônicas inéditas em livro, poeta critica presidentes e se diverte com a política nacional

Bernardo Mello Franco, 25/12/2024

Em abril de 1964, os militares derrubaram João Goulart. Crítico do governo trabalhista, Drummond não lamentou o golpe, mas registrou sua descrença nas quarteladas. “É com tristeza misturada a horror que, ao longo da vida, tenho presenciado generais depondo presidentes, por piores que estes fossem. Será que jamais aprenderemos a existir politicamente?”

Em dezembro de 1968, a repressão explodiu uma agência de anúncios do Correio da Manhã. Ao ver a loja destruída, o poeta se lembrou dos edifícios de Londres bombardeados pelos nazistas. “O que pretendem os lançadores de bombas: fazer parar a vida?”, questionou.

O cronista saiu em defesa do diário, que ainda tentava resistir à asfixia imposta pela ditadura. “É um jornal, nada mais que um jornal, maço de papel que registra os fatos, comenta e critica os poderosos. Pode eventualmente cometer injustiças, porém não comete o erro de calar”, exaltou. Inéditas em livro, as crônicas de Drummond estão no recém-lançado “A intensa palavra”. A seleção também resgata textos atemporais, como um divertido glossário da política nacional. Redigidos em março de 1954, alguns verbetes permanecem atualíssimos.

Partido: “Agremiação fundada para defender certos princípios enquanto não for possível trocá-los”. Coerência: “Traçado moral, reto, que permite variações curvilíneas”. Justiça Eleitoral: “Aparelho de precisão destinado a verificar como o povo se enganou, e a fazer respeitar esse engano”. Voto: “Substância aparentemente pouco nutritiva, que não enche barriga de eleitor, mas da qual o eleito extrai muita vitamina”.

- O poeta e a política: [Drummond e a queda de Getúlio em 1945](#)
- O poeta e o golpe: [Drummond e a queda de Jango em 1964](#)